A mulher que renasceu pela fé[1]

(Lucas 8,43-48)

1. ESPERANÇA EM CRISE

As notícias que me chegam daí do Brasil não são muito animadoras. Elas mostram uma crise profunda de valores espirituais e éticos, que afeta o comportamento individual das pessoas e a forma como são administradas as coisas públicas. Ouço que alguns ventos novos sopram de vez em quando. Um deles parece ter sido o afastamento de algumas pessoas de suas atividades públicas, por atos de favorecimento e corrupção. Mas qual é mesmo a dimensão deste fato? Você sabe que se descobriu apenas a ponta de um *iceberg*. A base, firme e sólida, continua oculta aos olhos da maioria das pessoas. A tarefa iniciada requer continuidade, pois resta descobrir e combater as causas que tornam possíveis tamanhas fraudes. Não se pode esquecer que as pessoas afastadas haviam sido eleitas alguns anos antes por grande número de brasileiros. Eles se deixaram enganar pela aparência e pela retórica. Eles viram a sanidade onde se ocultavam os germes da podridão e da corrupção. Eles viram nos discursos, promessas e propostas desses homens públicos o ressurgir de dias melhores, em que haveria moralidade pública e administrativa e em que seria resgatada a dignidade dos cidadãos.

Hoje estas pessoas seguem perambulando por aí. Suas fileiras vão se engrossando a cada dia que passa: são meninos e meninas de rua, que antes de experimentar qualquer forma de aconchego e proteção são largados nas ruas violentas das grandes cidades para lutar pela sobrevivência; são milhões de desempregados e subempregados que fazem verdadeiros malabarismos para continuar

1. O pano de fundo deste artigo é o tema da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil para o biênio 93/94: "Permanecem a fé, a esperança e o amor", refletido aqui a partir de Lucas 8,43-48 e textos paralelos. A forma de exposição explora algumas possibilidades de teologia narrativa: Ao contar a história de seu encontro com um rabi da Galiléia, a própria mulher curada vai se tornando nossa interlocutora, animando-nos para o exercício da fé, da esperança e do amor, no meio em que vivemos.

vivendo; são pequenos agricultores e sem-terra que já não encontram ânimo e garantias para semear o futuro. Onde buscam uma saída? Muitos se deixam fascinar por saídas mágicas. Nada prospera tanto em tempos de crise como os jogos e apostas, que prometem da noite para o dia a realização de sonhos mirabolantes. Outros procuram saídas individualistas. Com o tradicional "jeitinho", passam para trás os menos espertos e mais ingênuos. Outros tantos são empurrados para o caminho da contravenção e do crime. O homicídio violento já constitui a sexta *causa mortis* no país.

Que se passa no coração e na cabeça dessas pessoas? Terá restado algum saldo positivo dos últimos acontecimentos? Sua consciência social e política terá se aprimorado? Terão adquirido alguns critérios mais claros para distinguir um discurso demagógico de acesso ao poder e uma proposta realmente interessada no bem comum?

Francamente, não sei responder. O que sei é que esperança traída facilmente pode transformar-se em desilusão e fatalismo. A pior das crises talvez seja a crise da esperança. As pessoas estão dispostas a apertar o cinto, a privar-se de necessidades vitais quando conseguem enxergar no horizonte algumas perspectivas de mudanças e de dias melhores. Aí o sofrimento e a privação ainda fazem algum sentido. Mas sofrer por sofrer, que sentido faz? Quando se chega a esse ponto, nada mais parece fazer sentido: nenhuma luta coletiva, nenhum engajamento contestatório, nenhuma mobilização transformadora. Valores tradicionais começam a perder importância. A própria vida não é mais experimentada como uma dádiva divina que deve ser preservada e promovida, e sim como um fardo que se deve carregar. Da mesma forma, a vida dos outros não é mais respeitada. Mata-se por coisas insignificantes. Paga-se com consciência tranqüila um salário mínimo para um pai de família, mesmo sabendo que se trata de um salário de fome. Na ânsia de preservar cada qual a própria vida, o ser humano se torna violento, cínico, brutal, insensível. Instala-se o império da lei da selva. Salve-se quem puder.

A comunidade cristã não pode conformar-se com uma realidade como essa, porque ela contraria frontalmente a realidade que o Evangelho pretende criar. Descrença, desânimo, violência, opressão são atitudes que contrariam valores fundamentais do evangelho, que podem ser resumidos em fé, esperança e amor. São valores permanentes, como dizia o apóstolo Paulo, que não podem sucumbir sob a onda avassaladora do desespero, do medo e do individualismo.

2. UM NOVO RABI GALILEU

Ao pensar na situação do povo brasileiro, não pude deixar de evocar minha própria história. Minha história, aliás, não representa nenhum drama particular, mas é representativa para amplas camadas de meu próprio povo. Éramos estranhos em nossa pátria. Sempre havíamos entendido nossa terra como uma dádiva divina, destinada a suprir nosso sustento. Agora as melhores partes estavam nas mãos de latifundiários gananciosos, que contratavam diaristas a preços vergonhosos no momento da plantação e da colheita. Quase metade da produção acabava na mão dos governantes. Fossem eles os estrangeiros ou as elites de nosso país. Apesar dessa sangria, poucos benefícios retornavam para o povo. A própria religião de nossos pais, que tantas vezes nos servira de alento e bússola na caminhada, havia se transformado em instrumento de servidão e dominação.

Dentro do drama coletivo do meu povo, estava eu inserida com meu drama particular. Pensei em compartilhar um trecho de minha vida com vocês, não porque

ele tivesse respostas para todas as suas perguntas, mas para servir-lhes de alento e ânimo.

Por onde poderia começar? Talvez comece pelo dia em que Miriam, Ana e eu, cansadas de carregar os jarros de água para nossos casebres, paramos para descansar à sombra de uma oliveira. Foi ali que Miriam nos falou pela primeira vez a respeito de um novo rabi que perambulava pela nossa região. Lembro-me que naquela ocasião a sua voz soou como que no deserto. Ana, enfraquecida pelo peso da idade e pelas responsabilidades de uma viuvez precoce, procurava recuperar o fôlego e mal lhe deu atenção. Quanto a mim, àquela altura poucas coisas seriam capazes de me comover. Sem perceber, eu estava sendo dominada lentamente pelo desânimo e pelo sofrimento. Poucas forças eu tinha e pouco sentido eu via para continuar lutando.

Apesar de nossa falta de entusiasmo, Miriam voltou ao assunto em algumas outras oportunidades. Na verdade, eu admirava seu interesse por mim e me sentia profundamente agradecida a ela. Era uma das poucas pessoas que ainda me procurava para conversar comigo. Eu podia contar nos dedos as pessoas com quem ainda tinha alguma espécie de relacionamento. Menos ainda eram as pessoas com quem podia contar. Ao longo dos últimos anos, fui sentindo que o círculo de pessoas à minha volta ia ficando cada vez menor. À medida que minha situação ia sendo conhecida, as pessoas procuravam me evitar, algumas de forma sutil, outras de forma aberta e até grosseira. Quando mais precisava da presença e da solidariedade da comunidade, comecei a ser penalizada com a discriminação, o isolamento e o preconceito. Fui sendo empurrada para a margem da sociedade. A própria comunidade se entendia como a reunião dos justos, e eu era julgada indigna de que se me fosse estendida a mão. Assim passava eu os meus dias com um fardo insuportável nas costas, vergadas pelo sofrimento físico e pelo desprezo das pessoas.

3. A SOMBRA DO GALILEU

Numa véspera de sábado, no entanto, depois de muito tempo, senti meu coração palpitar novamente com mais intensidade. Miriam chegara para contar as últimas novidades. Entre elas estavam mais uma vez as histórias que se contavam a respeito do novo rabi que perambulava pela Galiléia. Uma das histórias falava sobre um leproso[2]. Todos aqui sentem um misto de repugnância e pena ao ouvir falar deles. São uns vivos-mortos ou mortos-vivos – o que vem a ser a mesma coisa. São obrigados a viver em locais isolados e afastados das vilas e cidades – verdadeiros cemitérios de mortos que ainda respiram e se movem. Dependem da caridade de outros enquanto aguardam o fim de seus dias. Devem evitar o contato com pessoas sãs e precaver com gritos de alerta os descuidados que se aproximam deles.

Miriam contou-me que um desses leprosos tivera a coragem de aproximar-se deste novo rabi, ajoelhou-se diante dele e pediu para ser purificado. O que se seguiu foi algo comovente. Por certo não conseguiu enxergar nele a imagem de Deus segundo a qual todos nós fomos criados. A imagem de Deus naquele leproso estava distorcida, desfigurada, irreconhecível. Outros dizem que o rabi irou-se e indignou-se com o que via. Indignou-se não com o leproso, mas com uma situação que degrada

2. Lc 5,12-16. Informações sobre a doença da lepra podem ser encontradas em H. DANIEL-ROPS, *A Vida Diária nos Tempos de Jesus*, Vida Nova, 1983, 209s, e em H. TREIN, "Lepra: uma doença que assusta?", *Proclamar Libertação XII*, Sinodal, 1986, p. 18-26.

um ser humano ao nível de um cachorro sarnento que ninguém quer ver por perto. Via de regra é assim que se procura resolver um problema: o que não é agradável aos olhos é empurrado para a margem, longe das vistas. O que os olhos não vêem, o coração não sente. Por isso vamos perdendo a capacidade de nos indignar diante da miséria humana e de sentir compaixão.

O rabi permitiu a aproximação do leproso, encarou-o face a face e descobriu em seu rosto o desejo de ser encarado como um ser humano. O rabi, dizia eu, ficou profundamente compadecido, tocou nele e disse que queria vê-lo purificado. Você conhece nossas leis: os leprosos não só são considerados imundos e impuros, como também agentes de impureza. Ao mero contato eles transmitiriam sua impureza adiante. Se você pensa que vivo numa sociedade primitiva, considere como são tratadas em seu meio as pessoas portadoras da doença da AIDS ou que portam a chaga da pobreza. De qualquer forma, o rabi devia conhecer nossas leis e sabia que jamais poderia ter tocado no leproso. Ficaria imundo como ele e seria temporariamente afastado da comunidade de fé. Apesar disso, ele ousou defrontar-se com o leproso e foi tomado pela compaixão. Quando se tem compaixão, as leis, convenções e tabus já não têm mais a mesma importância. Por causa da compaixão e do toque não só o rabi não ficou impuro, como o próprio leproso foi purificado.

4. A SOMBRA E A ESCURIDÃO

Naquela noite custei para conciliar o sono. Uma brisa leve encrespava as águas do mar de Quinerete. Como som de harpa, ela embalava os meus sonhos. Eu sonhava acordada, num misto de ansiedade e expectativa. Quem seria aquele rabi? Que significaria o fato de um leproso ter sido purificado?

Das profundezas da memória, não pude deixar de lembrar as palavras dos profetas que ouvira há tanto tempo na leitura contínua em nossa sinagoga[3]. Elas falavam de novos tempos que Deus haveria de criar. Quando Deus enviasse o seu escolhido, os cegos haveriam de ver, os coxos haveriam de andar, os mudos haveriam de cantar, os cativos seriam libertados, os leprosos seriam purificados e os pobres haveriam de alegrar-se com uma boa notícia.

Haveria ainda uma boa notícia para mim? Há anos que vinha procurando por ela. Para ser mais exata, há doze anos. Foi quando passei a sofrer de uma hemorragia crônica no útero. Segundo nossas leis, essa doença me tornava uma pessoa impura e imunda como o leproso. Tudo o que eu tocasse ou todos que tocassem em mim também se tornariam ritualmente impuros[4].

Talvez você consiga avaliar agora a intensidade do meu sofrimento. Ele não era provocado apenas pela doença, mas também pelas conseqüências sociais que ela trazia: a discriminação, o preconceito, a solidão. Há certas pessoas sobre quem parece se concentrar o opróbrio das pessoas. Era assim que eu me sentia. Como mulher, era vista como pessoa de segunda categoria. Como mulher impura, suportava o olhar desprezível e repelente das pessoas. Além de mulher e impura, acabei me tornando ainda uma pessoa pobre e miserável.

Assim que identifiquei a doença, procedi como qualquer pessoa sensata de minha geração. Busquei ajuda junto a Deus por meio de orações, jejuns e sacrifícios.

3. Isaías 35; 61; 65,17-25.
4. Levítico 15,25-30.

BIBLIOTECA
Freis Capuchinhos
667/03

Dizia-se, entre nós, que Deus mesmo estaria na origem da doença, vista então como punição para algum pecado cometido. Se a doença vem de Deus, pensava eu, dele também há de vir a cura. Confessei diante dele os pecados de que podia me lembrar e também os pecados involuntários. Procurei também a médicos[5]. Mesmo que as opiniões a respeito deles não fossem unânimes em nosso meio, recorri a todos que me foram indicados. Fui a charlatães que não cobravam quase nada pela consulta, mas que em compensação não ofereciam nenhuma ajuda real. Procurei médicos famosos que incluíam no preço as horas que faziam esperar. Submeti-me a vários tratamentos à base de remédios e plantas curativas. O tempo passava, minhas economias foram terminando, e, em vez de melhorar, a doença ia piorando cada vez mais para meu desespero. A morte estava ocupando, lenta e certa, o espaço reservado à vida.

Comecei a desesperar-me e a julgar-me culpada pela situação. Eu devia ser mesmo uma pessoa impura e imunda. Quando cruzava com alguém pelo caminho, comecei a baixar os olhos em sinal de vergonha. Já não tinha coragem de freqüentar a sinagoga, pois como pessoa impura estava excluída automaticamente da comunidade de fé. Mulher, impura, pobre – quais as alternativas que me restavam? Francamente, eu não conseguia enxergar nenhuma, a não ser a lenta e segura aproximação do fim. Com a falta de esperança, também a fé havia sucumbido. Como pode subsistir a fé quando não existe mais esperança? Mas a dor mais forte talvez viesse da falta de solidariedade e amor. Eu experimentava as pessoas como carrascos e juízes, além daquelas que me ignoravam, indiferentes. Fora Miriam, Rute e Ana, com mais ninguém eu podia contar. Mas além de sua amizade e de seu ouvido, elas não tinham nada para me emprestar. Ainda me lembro quando Rute me fizera crer numa simpatia que havia aprendido; eu devia sentar por algum tempo numa encruzilhada com um copo d'água na mão. Como não custava nada, topei a sugestão. O que eu não sabia é que fazia parte da simpatia um tremendo susto. Rute chegou de mansinho por detrás e soltou um enorme berro. Pena que o susto não foi grande o suficiente para estancar a hemorragia. Quando ela veio outro dia com a proposta de comer um grão de cevada encontrado no esterco de uma mula branca, recusei polidamente a sugestão. Mas confesso que fiquei em dúvida: quando a fé e a esperança se foram, a gente é capaz de acreditar até mesmo no poder milagroso de uma semente de cevada encontrada em lugar tão vulgar.

Naquela noite, à beira do lago Quinerete, consegui brincar com as minhas recordações e cheguei a sorrir. A brisa leve tinha ajudado a acalmar um pouco a minha amargura. Ergui a cabeça depois de muito tempo, encurvada que estava sob o peso da doença, do desprezo e da própria cumplicidade. Foi aí que comecei a perceber que eu estava sendo dominada lentamente pelo fatalismo e pela resignação. O que me devolvera a lucidez fora a história que Miriam viera me contar. Se é verdade o que se diz a meu respeito, a mesma verdade seria válida também para aquele leproso. E ele, por assim dizer, foi ressuscitado dos mortos através daquela cura. Deus lhe devolveu a vida, arrancando-o das garras da morte prematura.

Enquanto voltava para o meu casebre, pus-me a pensar: onde estaria o rabi agora? Dizem que costuma perambular pela beira do grande lago, cercado por um grupo de amigos que, como ele, não têm onde reclinar a cabeça. Meu coração

5. Informações sobre o exercício da medicina, e sobre "simpatias" auxiliares, como as que a seguir são relatadas, encontram-se em H. D.-ROPS, p. 210-213.

BIBLIOTECA Frei Capuchinhos

começava a arder dentro do peito. Era como se a brisa leve tivesse atiçado os últimos pedaços de carvão que há muito tempo pareciam apagados.

5. AS OVELHAS E O PASTOR

Alguns dias se passaram sem que nada de novo tivesse chamado a minha atenção. Como o período das chuvas não estava longe, combinei com Ana que subiríamos as colinas ressequidas próximas aos nossos casebres para recolher pedaços de lenha. "Vai ter com as formigas, ó preguiçoso, e considera os seus caminhos", já diziam nossos antigos sábios. "No estio ela prepara o seu pão, na sega ajunta o seu mantimento."[6]

Quando descíamos a colina com um feixe de lenha às costas, Miriam veio correndo ao nosso encontro. Quando chegou perto, mal conseguia falar. Aos poucos fui entendendo que o novo rabi estaria nas proximidades. Atirei o feixe ao chão e me senti extraordinariamente mais leve. Quem sabe não estaria eu diante de uma porta prestes a abrir-se? Sem hesitar, decidi aproveitar a oportunidade para sair à sua procura. Olhei para Ana. Ela continuava a descer com o pesado feixe às costas. Perguntei-lhe se não estaria disposta a me acompanhar. Sem voltar-se para trás, ela resmungou que não, continuando a descida.

Em pouco tempo estava eu caminhando na direção que Miriam me indicara. Caminhei duas ou três dezenas de estádios, sempre margeando o lago, quando repentinamente avistei uma pequena multidão. Deveria ser ele e seus amigos. Segundo me disseram, sua presença atrai a atenção de simpatizantes, curiosos ou pessoas necessitadas de ajuda ou de uma palavra de orientação. Ele teria dito certa vez que sente compaixão profunda das pessoas, porque parecem como ovelhas sem pastor. Realmente, é assim que eu estava me sentindo: assustada, confusa, indefesa, tomada de pavor. Os que eu pensei que fossem pastores, não passam de mercenários, que não conhecem os poços e pastagens onde se pode saciar a sede e a fome. Pensam apenas em sua própria segurança, quando não conduzem o próprio rebanho ao encontro dos lobos.

Aproximei-me da multidão, ao ponto de ouvir com clareza o que ele estava dizendo. Com algumas sementes na palma da mão, ele fazia uma comparação, enquanto as lançava ao solo[7]: "O Reino de Deus é como um homem que joga a semente na terra", dizia ele: "Quer ele esteja acordado, quer esteja dormindo, ela brota e cresce, sem ele saber como isto acontece". É a terra mesma que dá o seu fruto. "Aparece primeiro a planta, depois a espiga e, mais tarde, os grãos que enchem a espiga. Quando as espigas estão maduras, ele corta com a foice, porque chegou o tempo da colheita" . Se é assim que o Reino cresce, pensei eu, então posso ter alguma esperança de participar de seus benefícios. Pois nada de importante tenho para contribuir. Não tenho passado, nem presente nem futuro. Só posso me apresentar de mãos vazias, na esperança de que Deus tenha compaixão de mim.

Enquanto pensava, vi que um homem muito distinto se adiantava. Parecia muito sério, compenetrado e seguro. "Mas rabi", protestou ele, "sempre nos ensinaram que cada qual deve fazer a sua parte para que Deus possa reinar. Por isso eu jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho. Não roubo, não

6. Provérbios 6,1-6.

7. A "pregação de Jesus", aludida a seguir, representa uma composição de diversos trechos dos evangelhos: Marcos 4,26-29; Lucas 5,31; 18,11-12; Mateus 10,8; 21,31-32.

sou injusto nem adúltero". "De graça recebestes, de graça dai", respondeu o rabi. "Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes. Eu não vim chamar os justos, e sim os pecadores. Em verdade te digo, os publicanos e meretrizes vão preceder os justos no Reino de Deus, porque estão dispostos a arrepender-se e a deixar-se guiar pela bondade de Deus".

Se assim é, pensei eu, nada há que nos possa separar do amor de Deus. Os pobres, pecadores e doentes estão diante de Deus na mesma condição daqueles que se julgam perfeitos e se acham no direito de julgar e condenar os outros. O que o rabi acabava de dizer estabelecia um vínculo entre todos os seres humanos – a solidariedade dos pecadores que precisam da graça de Deus para viver.

Tive vontade de aproximar-me um pouco mais, quando chegou um outro homem[8]. Seu semblante estava carregado e denotava grande preocupação e angústia. Atirou-se aos pés do rabi e suplicou-lhe: "Minha filhinha de 12 anos está à morte; vem, impõe as mãos sobre ela para que possa ser salva e viver". Doze anos! Até parece que temos alguma coisa em comum. Doze anos e à beira da morte – é mais ou menos assim que também eu me sinto. Pois que vida é esta à margem de tudo, no limiar onde a vida e a morte se encontram?

Perguntei se alguém sabia quem era o homem que acabara de chegar. Disseram-me que era Jairo, chefe de uma das sinagogas das redondezas. Focalizei a atenção novamente na cena. O rabi ajudou o homem a levantar-se e lhe disse que estava disposto a acompanhá-lo.

Enquanto isso, uma angústia voltou a tomar conta de mim. Ela estava associada com Jairo. Não era ele um chefe de sinagoga? Faz tempo que não tive mais coragem de freqüentar uma sinagoga. Na última vez que tentei, as pessoas pareciam querer fulminar-me com o olhar. Acabei desistindo. Não pensavam todos que sou culpada de minha situação? Que diria uma pessoa como Jairo se eu fosse ao rabi pedir-lhe ajuda? Como reagiria a multidão se soubesse que uma pessoa imunda se atreveu a misturar-se em seu meio? Além disso, sentia-me constrangida de colocar em público a minha situação. Naquela hora percebi as marcas que 12 anos de recriminação haviam deixado em mim. De um lado, eu tinha certeza de que a possibilidade de salvação estava ao alcance da mão. Mas o receio de Jairo e da multidão me paralisava.

Quando as pessoas começaram a movimentar-se em direção à casa de Jairo, descobri um meio-termo para resolver meu dilema. Abrindo caminho por entre as pessoas, procurei aproximar-me do rabi por trás. Estava convicta de que bastaria tocá-lo para ser curada. Estava certa de que minha confiança abriria o caminho para que Deus pudesse realizar a sua obra através do rabi. E assim aconteceu. Ao tocá-lo, senti que a hemorragia havia estancado. Ao tocar no rabi, fui tocada pela mão misericordiosa de Deus. Foi então que experimentei que Deus ouve o clamor dos oprimidos.

Nada mais pude pensar ou sentir, porque logo em seguida o rabi voltou-se para trás. Olhando ao redor, perguntou: Quem me tocou? Senti um frio a percorrer-me a espinha. Seus amigos interviram oportunamente para dizer que a pergunta não fazia sentido em meio a tantas pessoas que o comprimiam. Mas ele não se contentou com a resposta e continuou procurando. O medo começou a tomar conta de mim. Não haveria eu ultrapassado os limites? Como mulher impura havia-me misturado

8. Lucas 8,40-42.

entre a multidão, contaminando a todos que tiveram contato comigo. De certa forma roubara a cura, já que ela se verificara sem a permissão explícita do rabi.

Não vi saída a não ser contar-lhe toda a verdade. Prostrei-me diante dele como antes Jairo havia feito, e lhe contei minha história. Falei-lhe dos longos anos de sofrimento, das esperanças frustradas, do empobrecimento, da progressiva marginalização, da falta de perspectivas, da cura recém-experimentada, do medo de perdê-la e do receio de ser mais uma vez humilhada publicamente. Jamais pensei que seria capaz de expor-me dessa maneira diante das pessoas. Jamais pensei que seria ouvida com tanta atenção. Enquanto falava, senti que iam se criando laços com as pessoas ali presentes – laços de solidariedade que me fizeram crer que a tragédia humana não é uma fatalidade irreversível. Percebi que o próprio Jairo me escutava com empatia, sem qualquer expressão de repulsa, talvez porque o sofrimento nos fazia compartilhar a mesma linguagem e os mesmos sentimentos.

Então o rabi de Nazaré, que se chamava Jesus, dirigiu-se pessoalmente a mim. "Filha", chamou-me ele. Não sei se haveria palavra mais expressiva para aquele momento. Com essa palavra afetuosa ele me devolvia a tranqüilidade e me garantia que podia sentir-me integrada à sua família, à comunidade de Israel. Esta, talvez, tenha sido a carência maior que vinha experimentando durante todo esse tempo: a falta de uma família, de uma comunidade de fé onde pudesse compartilhar minhas angústias, lutas e sofrimento. "Filha – continuou ele – a tua fé te salvou".

Sinto que realmente foi assim. Não fosse a minha fé, que ele próprio fizera brotar com os sinais que vinha espalhando pelas cercanias da Galiléia e com a esperança que fizera suscitar, eu teria sucumbido sob o peso da minha desgraça. Ele fez brotar a fé e renascer a esperança. Ele me fez experimentar um Deus que atende o clamor dos aflitos, que concede graça e misericórdia a quem dele se aproxima de mãos vazias e desesperado de suas próprias possibilidades. E quando me despedia, ele acrescentou: "Vai-te em paz".

Enquanto voltava para casa, a primeira imagem que me veio à mente foi a de Ana descendo a encosta, encurvada sob o peso do feixe de lenha. É pena – pensei – que as palavras e atitudes do rabi não eram bem vistas entre os dirigentes de nosso povo. E, de fato, pouco tempo mais tarde o rabi subiu a Jerusalém, para participar da Páscoa, nossa grande festa de peregrinação. Ali ele foi preso, julgado, cuspido, torturado, abandonado e crucificado. Sua morte foi promovida por aqueles que se fecharam à boa notícia do Reino. Simultaneamente Deus a aceitou como o sacrifício pascal do cordeiro sem mácula, abatido e oferecido a ele para tirar os pecados do mundo. Desde então, ninguém mais está condenado ao papel de bode expiatório. Ninguém mais tem o direito de discriminar alguém ou atirar-lhe a primeira pedra. Nenhum pecador arrependido precisa pagar por seus pecados. Como Ana virá a saber disso? Disso ela jamais virá a saber, se não tiver oportunidade de participar da comunhão dos que crêem e amam assim como ele nos amou.

Verner Hoefelmann
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo, RS